

DESCREVER PARA RECLAMAR: A TRANSITIVIDADE EM CARTAS DO LEITOR¹

Emanuel Cordeiro da SILVA
Universidade Federal Rural de Pernambuco
emanuel_cord@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho consiste numa análise da transitividade na construção do texto descritivo em cartas do leitor. Para tanto, foram analisadas 9 cartas: 3 do século XIX, 3 do século XX e 5 do século XXI. Todas as cartas analisadas são de reclamação. Haja vista a pequena dimensão do *corpus*, a uniformidade temática e a distribuição por séculos possibilitaram, do ponto de vista estrutural e, sobretudo, semântico-pragmático, a realização de algumas generalizações acerca da composição do gênero. O fenômeno da transitividade foi analisado sob a perspectiva da Linguística sistêmico-funcional. Assim sendo, a língua é, com base na sua léxico-gramática, concebida enquanto potencial de significação. Entre os sistemas componentes da léxico-gramática, encontra-se o sistema de transitividade, e é, a ele, que o usuário da língua recorre para codificar significados com vistas ao atendimento da metafunção ideacional, função esta presente nas representações do texto descritivo. Foi observado que, tanto no tocante aos processos quanto aos participantes, as escolhas realizadas no sistema de transitividade são direcionadas por três domínios semânticos constitutivos do contexto discursivo das cartas. Daí decorre que a estruturação das orações se dá num movimento vertical, obedecendo a restrições semântico-pragmáticas e a necessidades argumentativas na construção de imagens no texto descritivo.

PALAVRAS-CHAVE: carta do leitor; transitividade; reclamação; descrição.

1 Introdução

Constitui objeto de interesse do presente trabalho de pesquisa realizar uma análise funcional do comportamento do sistema de transitividade da língua na construção do texto descritivo em cartas do leitor. Para tanto, foi construído um pequeno *corpus* composto por 9 cartas distribuídas por três séculos. Das 9 cartas, 3 são do século XIX, 3 do século XX e 3 do século XXI. Prezou-se por uma uniformidade temática, pois as cartas podem atender “a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros (BEZERRA in: DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2002, p.210).” Na medida em que necessidades comunicativas diferenciadas implicam escolhas linguísticas também diferenciadas, o trabalho com cartas de temáticas distintas dificultaria a observação de padrões de regularidade. Todas as 9 cartas analisadas são de reclamação. Haja vista a pequena dimensão do *corpus*, a uniformidade temática e a distribuição por séculos possibilitaram, do ponto de vista estrutural e, sobretudo, semântico-pragmático, a realização de algumas generalizações acerca da composição do gênero com base no sistema de transitividade da língua. As cartas do leitor de reclamação são basicamente constituídas pelos dois seguintes tipos textuais: a descrição e a injunção. Com o primeiro tipo, o leitor/escrevente descreve o cenário da situação-problema, construindo imagens da realidade experienciada, enquanto que, com o segundo tipo textual, ele cobra, de forma direta,

¹ Este artigo é uma versão parcialmente modificada do texto intitulado *Entre descrições e reclamações no gênero carta do leitor: o sistema de transitividade e a construção de imagens*, enviado para apresentação e publicação no evento *Sintaxe em Foco*, a ser realizado na UFPE, em 02/12/2011.

providências para a solução do problema. Todavia, no gênero em questão, há um predomínio do texto descritivo. Muitas cartas, inclusive, trazem apenas uma descrição. Ademais, a parte injuntiva da carta, em muitos casos, não chega a uma linha de texto. Por isso, as análises foram centradas nas descrições. Sob a perspectiva da Linguística sistêmico-funcional, a língua, com base na sua léxico-gramática, foi concebida enquanto potencial de significação, e, no que diz respeito ao fenômeno da transitividade, ele foi tomado como um dos sistemas componentes da léxico-gramática, sendo responsável pela codificação de conteúdos ideacionais através das escolhas de formas linguísticas realizadas pelos usuários da língua. Partimos, então, do pressuposto de que se as cartas são de reclamação, a descrição contida nelas deve, de certa forma, construir representações com teor argumentativo, às quais o sistema de transitividade está relacionado. Buscamos, assim, observar padrões de regularidade existentes entre transitividade, descrição e reclamação/argumentação na composição do gênero carta do leitor.

2 A transitividade sob a perspectiva da Linguística sistêmico-funcional

No paradigma hallidayano, a língua é concebida enquanto potencial de significação. Aos usuários da língua é possível a codificação de significados através da operação de escolhas de formas linguísticas. Como bem dizem Ikeda e Vian Júnior (in: LEFFA, 2006, p.40), “Quando se faz uma escolha real no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas.” É no discurso que a língua se realiza por meio dos usos que os indivíduos fazem dela dentro dos contextos de cultura e de situação nos quais se inserem os atos de comunicação. Inseridos em contextos específicos de comunicação, os indivíduos, com base na léxico-gramática da língua, precisam realizar escolhas de formas linguísticas com vistas ao atendimento de necessidades comunicativas. Para Halliday e Matthiessen (2004, p.24), “usamos a linguagem para fazer significar a nossa experiência e realizarmos nossas interações com outras pessoas.” O fazer significar e o realizar interações levam, portanto, a linguagem a assumir três metafunções: *a ideacional*, *a interpessoal* e *a textual*. Cabe à linguagem, respectivamente, representar conteúdos relacionados à nossa experiência, permitir interações no âmbito social e possibilitar a organização textual de informações. Cada uma das três funções relaciona-se com um dos sistemas componentes da léxico-gramática, que corresponde a um amplo conjunto de possibilidades daquilo que o usuário da língua pode dizer. Os três sistemas componentes da léxico-gramática são o de *transitividade*, relacionado à função ideacional, o de *modo* e *modalidade*, ligado à função interpessoal e o *temático*, que tem a ver com a função textual.

O sistema de transitividade, que é o que aqui nos interessa, está direcionado para a estruturação da oração. Assim sendo, a transitividade liga-se à forma como o verbo relaciona-se com seus sintagmas nominais. Contudo, tal relação não é vista da mesma maneira que nas gramáticas tradicionais ou em outras correntes funcionalistas, como, por exemplo, no funcionalismo norte-americano. Nas gramáticas tradicionais, a transitividade é normalmente tomada como uma propriedade do verbo. Cunha e Cintra (2001, p.135), por exemplo, dizem que “verbos significativos são aqueles que trazem uma idéia nova ao sujeito. Podem ser intransitivos ou transitivos”. Embora não compartilhem exatamente da mesma concepção de transitividade, tanto a Linguística Sistêmico-Funcional quanto a Linguística Funcional norte-americana, não concebem a transitividade como uma propriedade do verbo, mas, sim, da oração como um todo. Furtado da Cunha e Souza (2007, p.9) chamam atenção para o fato de que “ambas as vertentes funcionalistas ressaltam que a transitividade não se manifesta apenas no verbo, mas na totalidade da oração, emergindo das relações estabelecidas entre os diversos elementos que a compõem.” No que tange à diferença de visões entre as duas correntes

funcionalistas, o funcionalismo norte-americano, diferentemente do sistêmico-funcional, vê a transitividade como um fenômeno escalar que ocorre sob diferenciados graus de envolvimento sintático-semântico entre os constituintes da oração. Assim, a transitividade é, em tese, uma questão de grau (GIVÓN, 1984). Sob a perspectiva da Linguística sistêmico-funcional, a estruturação da oração dá-se por escolhas na léxico-gramática. O usuário da língua precisa selecionar verbos e sintagmas a serem associados aos verbos relacionados. Tal seleção não ocorre aleatoriamente, e, sim, correlacionada a metafunção ideacional. Souza (2006, p.54) diz que “o sistema de transitividade proposto pela escola hallidayana é composto de processos, participantes e circunstâncias.” Enquanto os verbos recebem o nome de processos, os sintagmas são tratados como participantes. Em suma, os verbos codificam significados dos quais os sintagmas nominais participam, desempenhando determinados papéis semânticos. De acordo com essa perspectiva, são seis os processos codificados pelos verbos: *material*, *existencial*, *relacional*, *verbal*, *mental* e *comportamental*. O quadro (1) abaixo extraído de Furtado da Cunha e Souza (Op.cit., p.60), resumidamente, apresenta as relações entre processos, significados e participantes:

Quadro (1): Processos e participantes

| <i>Processo</i> | <i>Significado</i> | <i>Participantes Obrigatórios</i> | <i>Participantes Opcionais</i> |
|-----------------|--------------------|-----------------------------------|--------------------------------|
| Material | Fazer, acontecer | Ator | Meta, Extensão e Beneficiário |
| Mental | Sentir | Experienciador e Fenômeno | - |
| Relacional | Ser | Portador e Atributo | - |
| Atributivo | Classificar | Característica e Valor | - |
| Identificador | Definir | Dizente e Verbiagem | Receptor |
| Verbal | Dizer | Existente | - |
| Existencial | Existir | Comportante | <i>Behaviour</i> |
| Comportamental | Comportar-se | | |

3 A construção da descrição nas cartas: processos, participantes e circunstâncias

Conforme já dito, observa-se que a descrição é o tipo textual predominante no gênero carta do leitor quando o propósito comunicativo é reclamar. Subjaz à tessitura da malha textual desse gênero a função representacional da linguagem, uma vez que tanto a arquitetura quanto a conjugação das estruturas linguísticas usadas são definidas pela necessidade de codificar imagens do real. Aquilo do que reclama o leitor/escrevente é a realidade experienciada e imagetivamente assimilada, que, na carta, precisa ser linguisticamente representada. Acerca das subfunções (experencial² e lógica) componentes da metafunção ideacional, Gouveia (2009, p.16) diz que

Se a primeira subfunção, a experencial, nos dá a possibilidade de linguisticamente criarmos instantâneos fotográficos, como “O João comeu o bolo”, “A Maria está triste”, ou “O Manuel foi-se embora”, a segunda permite-nos, com tais instantâneos, criar uma espécie de história, um filme, como se passássemos os instantâneos fotográficos a vinte e quatro imagens por segundo como se faz no cinema: “A Maria está triste, porque o João comeu o bolo” ou “Quando o Manuel se foi embora, a Maria estava triste”,

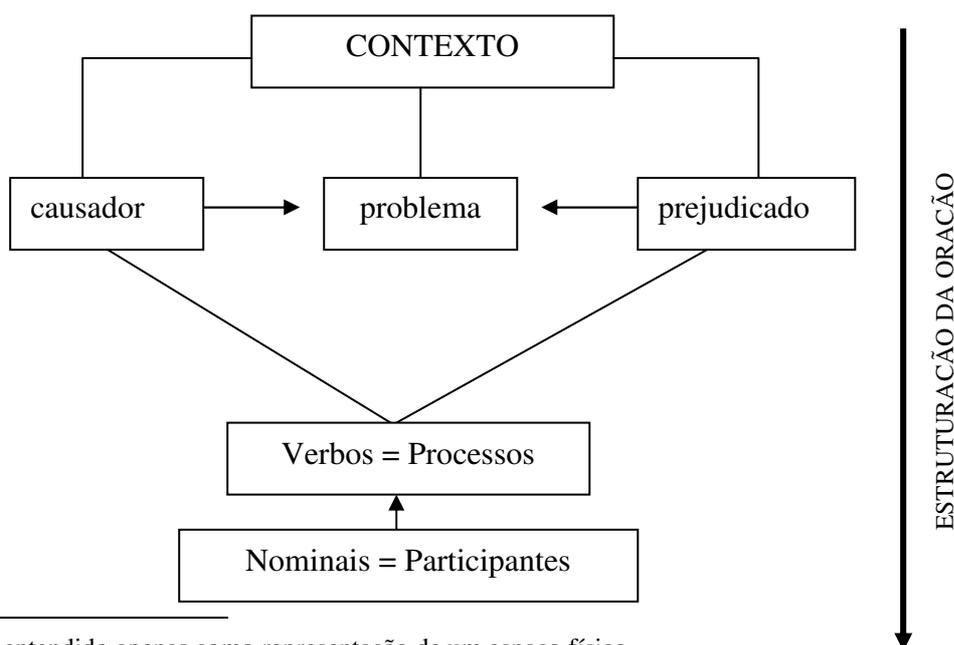
² É adotada a correlação entre a metafunção ideacional e sua componente a subfunção experencial.

ou ainda “O Manuel foi-se embora, porque a Maria estava triste por o João ter comido o bolo”.

Na atividade de descrição, o material linguístico é mobilizado para a criação de instantâneos fotográficos, bem como para a articulação lógica entre eles. A função ideacional relaciona-se com a atividade descritiva. Ao descrevermos as coisas, buscamos representá-las tal como as experienciamos e, conseqüentemente, como as concebemos. Nas descrições contidas nas cartas do leitor, as orações, seja nos processos ou nos participantes que encerram, precisam refletir uma realidade a ser representada. Assim sendo, cabe ao leitor/escrevente tomar decisões sócio-interativa, cognitiva e linguisticamente orientadas. A língua enquanto potencial de significação requer a realização de escolhas por meio das quais se torna possível a construção de representações de um conteúdo ideacional de um indivíduo a outro. Dessa forma, em observação às exigências dos contextos dentro dos quais se dão as situações de comunicação, é que manipulamos códigos reservados à interação. Na carta do leitor, a léxico-gramática é processada através das escolhas realizadas no sistema de transitividade. As orações instanciam um conteúdo imagético. A reclamação contida na carta do leitor envolve uma situação-problema que precisa ser apresentada. Para tal, o escrevente/leitor a descreve de modo a representar um cenário³ em que a uma problemática é dado relevo.

Entre os processos constitutivos do sistema de transitividade, nas descrições das cartas analisadas, foram identificados *o material, o existencial e o relacional*. Quanto aos participantes de tais processos, relacionam-se aos seguintes domínios semânticos: *o causador, o problema e o prejudicado*. Embora os processos e os participantes apresentem propriedades sintáticas e semânticas diferenciadas, não devem ser tomados isoladamente, pois são determinados por escolhas que ocorrem numa relação de contiguidade sob um contexto específico de comunicação. A carta é produzida dentro de uma situação comunicativa que exige resposta a três perguntas básicas: 1) *Qual o problema?* 2) *Quem o causa?* 3) *A quem ele prejudica?* Vale salientar que nem sempre todas as três perguntas são, direta ou indiretamente, contempladas pelo texto. Enquanto a resposta a 2) e 3) é facultativa; a 1), é indispensável. Na composição das orações, as escolhas tanto dos verbos quanto de seus nominais associados são guiadas pelas relações semânticas que eles são capazes de estabelecer entre si dentro do contexto comunicativo. A figura (1) seguinte sintetiza as relações traçadas:

Figura (1): Estruturação oracional



³ Não deve ser entendido apenas como representação de um espaço físico.

O contexto é caracterizado por uma situação-problema para a qual convergem causador e prejudicado, situação esta que determina a escolha dos verbos para a codificação de processos, e tal escolha, por sua vez, implica restrições semântico-pragmáticas para a seleção dos nominais que figuram como participantes.

Processos materiais

Nas descrições das cartas do leitor, são comuns os verbos codificadores de processos materiais. Na maioria dos casos, o problema apresentado é fruto do fazer, porque decorre de ações realizadas ou que não foram realizadas. Daí, a necessidade de o leitor/escrevente estruturar sentenças nucleadas por processos materiais. Em (1), por exemplo,

- (1) *A obra anda a passos de tartaruga e utiliza os piores horários do dia para interromper trechos da via, causando imensos transtornos aos já castigados condutores (...)*
(Diário de Pernambuco, 26/07/2011)

o problema decorre de ação realizada. Os quatro verbos presentes são do fazer. Para se queixar do engarrafamento, o leitor/escrevente constrói um longo período composto por orações nucleadas por processos materiais, pois o problema decorre de ações realizadas. Observemos que o nominal *A obra* ocupa a posição de sujeito de todos os verbos como participante do tipo ator. Dentro do contexto, há um problema, que é o engarrafamento, para ele convergem um causador, a obra, e um prejudicado, os condutores. É a obra que se prolonga, que utiliza horários inadequados, que interrompe o trânsito, prejudicando, assim, os condutores. O problema é originário das ações realizadas. No exemplo (2),

- (2) *A prefeitura do Recife sempre tratou essa área com descaso, nada fazendo para melhorar as condições desses bairros e/ou solucionar as suas mazelas estruturais.*
(Diário de Pernambuco, 12/06/2009)

extraído de uma carta na qual o leitor/escrevente reclama da falta de ações sociais e de infraestrutura em determinados bairros do Recife, o nominal *A prefeitura do Recife*, na condição de participante ator, relaciona-se também a um verbo de processo material. Contudo, é perceptível que, diferentemente do que ocorre em (1), o problema não é consequência de uma ação realizada, mas, sim, de ações que deixaram de ser realizadas, pois, segundo o que se lê na carta, os bairros encontram-se abandonados pelo poder público municipal. Assim como vimos em (1), em (2), também há um problema para o qual convergem causador e prejudicado. Nas cartas do leitor, a presença de verbos de processos materiais é fundamental para a produção de sentido, na medida em que conteúdos ligados à ideia de ação, em muitos dos casos, são o que estão por trás do problema do qual se queixa o leitor/escrevente.

Várias relações de congruidade ocorrem entre processo e participantes. Com base no contexto, o leitor/escrevente operou as escolhas dos processos, e estes, por sua vez, foram determinantes para a escolha dos participantes. A estruturação da oração, uma vez que é regulada por escolhas, dá-se tal como mostrado na figura acima, num movimento *top-down*. O ator *A obra*, por exemplo, é um participante do domínio semântico do causador. Dentro do contexto no qual se inserem, aos processos não poderiam ser associados participantes do domínio semântico do prejudicado. Enquanto nominais como *a construtora, o trabalho, a empresa, a prefeitura* poderiam ser selecionados pelo leitor/escrevente para a posição de sujeito, nominais como *os motoristas, as pessoas, a população, o povo* não estão autorizados

a ocuparem a referida posição. A descrição das cartas evidencia relações de interdependência entre contexto, processos e participantes, o que leva à existência de restrições semântico-pragmáticas, e não apenas sintático-semânticas, no processo de estruturação de orações.

Outro importante aspecto relacionado aos processos materiais e bastante comum nas descrições em cartas do leitor é a ocorrência de modelos concretos na base da representação de fenômenos mais abstratos. Segundo Gouveia (Op.cit., p.31),

as actividades concretas observadas no mundo material tornaram-se referentes, modelos, para a construção da nossa experiência de mudança relativamente a fenómenos abstractos. Quer isto dizer que algumas representações de processos materiais são representações de processos de *fazer* de teor abstracto (...)

Vejamos os exemplos (3) e (4):

(3) (...) e assim mu- l seu, bibliothecas, etc, *simulam* a solidão dos cemi- l terios.
(*Corpus PHPB*, 24/03/1865)

(4) (...) as de platéa, que aceio de camarotes, tanto externa como l internamente; donde *os vestidos e as casacas sahem* sem- l pre mascarados, e com 20 por cento menos de seu valor (...)
(*Corpus PHPB*, 12/09/1842)

Assim como acontece em (1), em (3) e (4), é observado que atividades materiais concretas servem de referentes para a representação de atividades materiais de caráter mais abstrato. *Obra, museu, bibliotecas, vestidos e casacos* figuram como atores de processos materiais abstratos referenciados em modelos de ações concretas. Nos exemplos (3) e (4), ao reclamarem, respectivamente, do abandono de um museu e da qualidade das instalações de um teatro público, os escreventes/leitores constroem orações de conteúdo metafórico de modo semelhante ao que faz o escrevente/leitor do exemplo (1). A fim de que fique mais claro como se dão as relações metafóricas, tomemos em análise os casos dos verbos *andar* de (1) e *simular* de (3). *Andar* descreve uma ação de deslocamento, o que implica a existência de um ponto de partida, de um ponto de chegada e de um trajeto a ser percorrido entre ambos. A velocidade com que o trajeto é percorrido resulta num maior ou menor tempo de realização do percurso entre o ponto de partida e o ponto de chegada. É esse modelo concreto de deslocamento que está na base do processo material da oração *a obra anda a passos de tartaruga*. A obra enquanto ser inanimado não é capaz de andar, no sentido de se deslocar, todavia todas as obras têm uma data de início e uma data de término, e, entre essas datas, há um tempo a ser transcorrido. A velocidade com que os trabalhos são feitos resulta, do ponto de vista temporal, numa chegada mais rápida ou mais demorada ao término da obra. Observemos que há um conjunto de correlações entre os dois esquemas e, é, nas correlações existentes entre eles, que os planos concreto e abstrato se cruzam. Algo bastante parecido é o que acontece com o verbo *simular* de (3). Quando simulamos alguma coisa, realizamos ações norteadas por relações de analogia e, para tanto, inevitavelmente, estabelecemos comparações entre o que estamos fazendo e o que estamos a copiar. Museus e bibliotecas enquanto seres inanimados não podem exercer a ação de copiar nada, porém ao dizer que *museus e bibliotecas simulam a solidão dos cemitérios*, o escrevente/leitor traz para a base da codificação da oração a noção de comparação que é intrínseca a todo ato concreto de simulação.

Os participantes, conforme dito, são dos domínios semânticos: *causador, problema e prejudicado*, mas, nem sempre são expressos por sintagmas nominais. Na construção da descrição da carta do leitor, a escolha da forma linguística de representação do participante

ator constitui-se como estratégia argumentativa. O leitor/escrevente reconstrói, por meio da sua descrição, o cenário do problema sem nenhuma intenção de ser imparcial. O texto é descritivo, porém tem propósitos argumentativos bastante claros, uma vez que a descrição serve à realização de uma reclamação. O leitor/escrevente, a fim de obter uma solução, precisa chamar atenção para o problema do qual reclama. Podemos dizer que, na carta do leitor de reclamação, descreve-se para reclamar, o que implica, então, dizer que o texto descritivo tem um elevado teor de argumentatividade. Analisemos os exemplos (5), (6) e (7):

- (5) (...) *ninguém* ainda se lembrou de *mandar* colar alguns lampiões (...)
(Corpus PHPB, 27/09/1842)
- (6) (...) causando problemas nos carros de *quem tenta estacionar*, nas padarias, lojas, etc.
(Diário de Pernambuco, 21/06/2011)
- (7) *Convivemos* com ruas sujas, esburacadas, mal iluminadas, praças e logradouros depredados e abandonados.
(Diário de Pernambuco, 12/06/2009)

É bastante comum que pronomes indefinidos sejam selecionados para participantes atores dos processos materiais. Dentro da descrição das cartas, eles têm um valor semântico extremamente importante à construção da argumentação. Não são usados para esconder aquele que é o responsável pela ação. O leitor/escrevente, ao fazer uso dos indefinidos, busca representar noções de generalização. Nesses casos, o que é dito não deve ser atribuído a um ser específico, pois é de responsabilidade ou de afetação de um grupo maior. A indefinição é importante não porque impede a identificação do ator, mas, sim, porque leva o leitor a associar o processo a todo um grupo. Em (5), para reclamar das condições em que se encontra a iluminação pública, o leitor/escrevente escolhe o pronome *ninguém* para ator do processo *mandar*. Embora o pronome não represente um ser específico, ele refere-se genericamente a todos aqueles que gerem o poder público. O uso do pronome confere força argumentativa à descrição, porque, na medida em que não responsabiliza um ser especificamente, mas, sim, de modo genérico, o poder público, o leitor põe em relevo o descaso do qual a população é vítima, isto é, a população não é esquecida por um, e, sim, por todos os representantes do poder público. No exemplo (6), ao reclamar dos remendos realizados no asfalto, o leitor/escrevente constrói o período *quem tenta estacionar*, no qual o pronome indefinido *quem* é o participante ator. Verifiquemos que a intenção que está por trás da escolha do pronome também não tem a ver com o desejo de impossibilitar a identificação do agente da ação. Tal como acontece em (5), o pronome assume um valor semântico de generalização. Todos os motoristas que tentam estacionar na área são prejudicados pelos remendos do asfalto. Pelo uso do pronome, a descrição ganha força argumentativa, pois o problema não afeta apenas a alguém em particular, e, sim, a toda uma categoria. Sendo assim, ele não é de um, é de muitos.

Nas análises, ficou claro que, nas descrições, o pronome indefinido não é usado com o intuito de impossibilitar a identificação de participantes atores. Como apresentado na figura anterior, o contexto das cartas de reclamação é constituído por causador, problema e prejudicado. Através dele, o leitor é capaz de identificar a quem ou a que o pronome indefinido refere-se. Quando na função de atores de um processo material, tais pronomes ligam-se a um dos três domínios semânticos do contexto. Em (5), o pronome codifica o causador do problema. São os representantes do poder público que, por serem omissos, causam o problema da iluminação pública. Em (6), o pronome codifica o prejudicado. São os motoristas que, na hora de estacionar, sofrem com o problema dos remendos do asfalto. Não

há, portanto, com o uso dos indefinidos, apagamento de participantes atores, o que há são generalizações dentro dos domínios semânticos constituintes do contexto.

Como estratégia argumentativa, os participantes atores podem também ser codificados por meio da utilização ou da simples omissão do pronome pessoal *nós*. No exemplo (7), o leitor/escrevente constrói a oração *Convivemos com ruas sujas, esburacadas, mal iluminadas...* para reclamar do abandono, pela prefeitura do Recife, de determinados bairros. No caso, o processo material codificado pelo verbo *conviver* tem como participante ator o pronome *nós*, que está elíptico. A escolha pelo referido pronome não se deu aleatoriamente. Trata-se de uma estratégia de argumentação. Ao dizer com o que convivem os moradores, o leitor/escrevente descreve todo um cenário dentro do qual não se encontra sozinho. O problema afeta a toda uma comunidade, e não apenas a ele. Pelo uso do *nós*, quem escreve a carta não particulariza o problema. Isso, do ponto de vista argumentativo, é extremamente importante, pois o que atinge a um indivíduo em particular não tem a mesma repercussão do que aquilo que atinge a toda uma comunidade.

Processos existenciais

Nas descrições das cartas do leitor, também pode ser verificada a presença de processos existenciais. Embora não sejam tão frequentes quanto os processos materiais, eles desempenham importante papel na construção do texto descritivo. Os processos existenciais selecionados pelo leitor/escrevente servem à construção da imagem do cenário descrito. Observemos os exemplos (8) e (9):

(8) (...) *tem lampiões* huma das principaes ruas (...)
(*Corpus PHPB, 27/09/1842*)

(9) Sem o augmento de novas aquisições *existem* | alli *peles* sem estar armadas, no duplo do que | existe montado, e que de dia a dia se deterioram: (...)
(*Corpus PHPB, 24/03/1865*)

Em (8), para reclamar das condições da iluminação pública, o leitor/escrevente precisa representar linguisticamente o cenário em que se dá o problema. Para tanto, ele recorre à estruturação de uma oração com verbo codificador de processo existencial. O *tem* codifica a existência de lampiões nas ruas. A imagem do cenário vai ganhando forma, à medida que são informados os elementos que o compõe. Assim como em (8), no exemplo (9), ocorre a presença de um processo existencial, e a escolha por tal processo material também serve à construção da imagem do cenário do problema. Ao falar da existência de peles que estão se deteriorando, o leitor/escrevente nos direciona para a imagem de um museu abandonado, imagem esta que é de interesse dele construir.

Na descrição da carta, o participante *existente*, normalmente, relaciona-se com o domínio semântico do problema. *Lampiões* em (8) tem a ver com o problema da iluminação pública; e *peles* em (9), com o problema do abandono do museu. Codificar processos existenciais ao descrever o cenário da situação-problema é bastante importante para a construção da argumentatividade das descrições, sobretudo, pelo fato de os processos existenciais trazerem como participante *existente* elementos do domínio do problema. Dentro da descrição, a existência de tais elementos dá maior visibilidade ao problema, uma vez que possibilita, durante a leitura, o leitor construir determinadas imagens desejadas pelo leitor/escrevente.

Processos relacionais

Foi identificada uma quantidade bastante significativa de processos relacionais nas descrições das cartas do leitor. Por serem textos descritivos, a presença desse tipo de processo já era esperada. O processos relacionais desempenham um importante papel no estabelecimento de relações entre diferentes fragmentos da experiência. Através deles, o leitor/escrevente codifica atributos e portadores dos atributos, desenhando o cenário da situação-problema. É importante salientar que processos relacionais identificadores não foram encontrados no *corpus* analisado, possivelmente em decorrência da tipologia textual em questão. Analisemos os exemplos (10), (11) e (12):

- (10) *A Compesa é um verdadeiro câncer para as ruas do Recife.*
(Diário de Pernambuco, 19/09/2010)
- (11) (...) *muitas ruas foram recentemente asfaltadas* e hoje já estão *totalmente destruídas pela ação da Compesa* (...)
(Diário de Pernambuco, 19/09/2010)
- (12) *O tratamento que nos é dispensado pela PCR é digno de quem mora numa zona de exclusão* (...)
(Diário de Pernambuco, 12/06/2009)

Em (10), ao reclamar do excesso de buracos nas ruas do Recife, o leitor/escrevente necessita relacionar dos fragmentos da sua experiência e, para tanto, escolhe codificar a oração por meio de um processo relacional. É da experiência do leitor/escrevente que a *Compesa*, enquanto companhia responsável pelo saneamento, produz buracos para a realização dos seus trabalhos e também é da experiência dele que o câncer é uma doença que se alastra pelo corpo. Na oração *A Compesa é um verdadeiro câncer para as ruas do Recife.*, encontramos uma relação entre os dois conhecimentos mencionados. O nominal *Compesa* aparece como participante *portador* do atributo *um verdadeiro câncer para as ruas do Recife*. Por meio dessa relação de experiências, na descrição, é construída a imagem de uma cidade, em vários pontos, esburacada pela *Compesa*, o que, por sua vez, leva a outra construção de imagem: uma companhia geradora de problemas, em cujo trabalho não há compromisso social. Em (11), encontramos uma continuação da mesma carta. Mais processos relacionais são escolhidos para a composição do texto descritivo. *Recentemente asfaltadas* e *totalmente destruídas pela ação da Compesa* são atributos do participante *portador muitas ruas*. Observemos que a imagem do cenário corresponde à situação-problema vai sendo construída. Há uma companhia que, assim como o câncer, propaga-se ampliando sua área de destruição. Em (12), ao queixar-se do descaso da Prefeitura do Recife no tratamento dado a determinados bairros, o leitor/escrevente relaciona atributos ao participante *portador o tratamento*. As atribuições realizadas são o que nos permite a criação de uma imagem acerca da relação entre poder público e comunidade.

A codificação de *portadores* e *atributos* é determinada pelo contexto. O participante *portador* é sempre de um dos domínios semânticos constituintes do contexto. Em (10) e (12), os respectivos participantes *a Compesa* e *o tratamento* relacionam-se com o causador; e, em (11), *muitas ruas*, com o domínio do problema. As atribuições dão força à argumentatividade presente na descrição. Foi observado que, quando os *portadores* são do domínio do causador ou do problema, as atribuições são, normalmente, de caráter negativo, enquanto que, quando ele é do domínio do prejudicado, as atribuições buscam construir uma imagem de sujeito vitimado tanto pelo tratamento do causador quando pelos problemas oriundos de tal tratamento.

As circunstâncias

Nas descrições das cartas de reclamação, dois tipos de circunstâncias são bastante recorrentes: a *de lugar* e a *de distância temporal*. Ambas são extremamente importantes para a construção das imagens que servirão à argumentatividade do texto. Ao falar do problema, o leitor/escrevente necessita situá-lo no tempo e no espaço. Daí que enquanto por meio da circunstância de lugar o problema é localizado, através da circunstância de distância temporal é apresentado o seu tempo de existência. Tomemos (13) e (14) como exemplos:

- (13) Venho, por este canal, denunciar a falta de um tratamento decente para o recolhimento do lixo. A foto é de uma cena que se repete diariamente *na Rua da União, entre os Edifícios Ébano e São Cristóvão, a pouquíssimos metros da histórica e turística Rua da Aurora.*

(Jornal do Comércio, 28/10/2011)

- (14) *Faz cinco dias que na esquina da Rua Prof. Augusto Lins e Silva uma tubulação de água da Comepsa rompeu, provocada pela empresa GVT, e até o momento não foi solucionado.*

(Jornal do Comércio, 25/10/2011)

No exemplo (13), extraído de uma carta em que a o leitor/escrevente reclama da falta de recolhimento do lixo, são identificadas as estruturas linguísticas *na Rua da União, entre os Edifícios Ébano e São Cristóvão, a pouquíssimos metros da histórica e turística Rua da Aurora*. Todas elas desempenham o papel de locativo. Por meio da seleção de tais estruturas, o leitor/escrevente situa espacialmente o problema descrito. Assim, a imagem de um cenário de sujeira ganha, de modo concreto, uma localização. É importante salientar que a localização da imagem descrita também se insere no processo de argumentatividade do texto. Aqui em (13), esse aspecto está bastante explícito. Ao dizer *a pouquíssimos metros da histórica e turística Rua da Aurora*, o leitor/escrevente não faz somente uma localização do problema descrito. No sintagma adverbial, a presença dos adjetivos *histórica* e *turística* chama atenção para o fato de que a sujeira está situada numa área de valor histórico e de importância turística para a cidade. Com isso, o texto busca sensibilizar o leitor, envolvendo-o num sentimento de insatisfação.

Para reclamar do rompimento de uma tubulação, o leitor/escrevente de (14), assim como o de (13), também necessita codificar circunstâncias de lugar e de distância temporal. Enquanto o sintagma *na esquina da Rua Prof. Augusto Lins e Silva* serve à localização da problemática descrita, *Faz cinco dias* e *até o momento* codificam noções de distância temporal. A codificação de tal noção também contribui para a construção da argumentatividade. À noção de distância, no tempo, entre o surgimento do problema e o momento da reclamação (ou até mesmo da solução) estão atreladas noções como descaso, ineficiência e morosidade de entidades responsáveis, o que, certamente, leva o leitor não apenas a envolver-se num sentimento de insatisfação com os serviços prestados por tais entidades, como também as avaliar negativamente.

4 Conclusão

Na composição do gênero cartas do leitor de reclamação, as descrições não correspondem a meras representações de imagens. Elas desempenham importante papel na construção da argumentatividade do texto. As imagens representadas são fruto de conhecimentos experienciais mobilizados para a realização de reclamações. Ao reclamar, o leitor/escrevente não busca apenas reconstruir um cenário imagético da situação-problema.

Ele quer mais que isso. Ele quer obter uma solução para o problema do qual se queixa. Para tanto, precisa argumentar. Assim sendo, as cartas são escritas dentro de um contexto composto por três domínios semânticos: causador, problema, prejudicado, e é, dentro desse contexto, que se dão as escolhas das formas linguísticas para a estruturação das orações, com vistas à realização de uma descrição com teor argumentativo. Daí decorre que tal estruturação acontece num movimento *top-down*. O usuário da língua opera com o sistema de transitividade a partir do contexto dentro do qual produz a carta. O referido movimento leva a uma sistemática de combinações entre os verbos, que são os processos, e os sintagmas, que são os participantes, sob restrições não somente sintático-semânticas, mas, sobretudo, semântico-pragmáticas. Os processos identificados na constituição das cartas são: o material, o existencial e o relacional. Embora, em muitos casos, a combinação entre determinados verbos e sintagmas seja sintático e semanticamente possível, são desautorizadas do ponto de vista semântico-pragmático.

5 Referências

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Syntax I: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. In: *Matraga*, Rio de Janeiro, RJ, v.16, n.24, p.13-47, 2009.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. London: Oxford University Press, 2004.

IKEDA, Sumiko Nishitani; VIAN JÚNIOR, Orlando. A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional. In: LEFFA, Vilson J. (org.). *Pesquisas em lingüística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

SOUZA, Medianeira. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Tese. Programa de Pós-graduação em Letras, UFPE, Recife, 2006.